

INFINDÁVEL É A ESTRADA

Alan Oliveira Gonzaga

Arte da Capa
Luísa Chaves Diamante

Revisora
Flaviane Ribeiro da Costa

Alan Oliveira Gonzaga

INFINDÁVEL É A ESTRADA

Não recuarei
Assumo minhas responsabilidades
Antes da essência, aqui estou, aqui me afirmo

Roda da Fortuna

Derradeiro 2020

Divagando num universo cinzelado
Espalhando sementes verdes de ipês
Sem tempo para esperar germinar
Sem tempo para glosas elucidativas

Vou errante e sem berrante, mas não perdido
Pois conheço agora o meu destino priápico
As meias-verdades das emoções mundanas
Os sabores e as fragrâncias do tempo

A Roda da Fortuna girou
Taças de vinho quebradas
Os dados foram jogados

As mágoas tornam-se fertilizantes nos brejos
As lamúrias são correntes fortes da terra
Que nos prendem a pesadelos passados, fantasmas

Todavia, o que inflama o peito aberto é o desaparego
A necessidade de voar com asas flamejantes
A necessidade de conhecer os segredos xamanistas

Divago nos campos, nas praias, no cerrado escaldante
Na floresta de minha infância, nas pastagens de minha terra
Vejo pelo caminho lobeiras, caliandras e flamboyants

Recito versos de perversão, de transgressão à ordem
Os mortos já foram enterrados; os feridos, curados e benzidos
E o sertão de Guimarães é uma vereda sem fim, cheia de vida

Já as montanhas do meu horizonte são fortalezas onduladas
Escalo todas elas para gritar, do alto, aos berros de seriema
“Eu não tenho medo, eu não tenho medo”; escutai, fascistas!

Depois de tantos anos, o sol do meio-dia já não me cega
Vejo claramente a estrada do sucesso, mulungus e paus-terra
Vou em frente com pratas no bolso e um ramo de arruda na orelha

Não mais serei o profeta do caos, consigo enxergar a poesia nas pedras, na braquiária amarela de agosto
Não mais serei o pranto dos derrotados; há esperança, e ela está nas flores desconhecidas que brotam

Quero estar na multidão, entre olhares amigos e desconfiados
Quero poder falar para os ouvidos sensíveis doces mentiras
Quero andar de vila em vila, de arraial em arraial, beber a cachaça desta terra

Tenho orgulho de minhas raízes cafuzas
E minhas lágrimas não serão desperdiçadas, sou de aço e barro
Portanto, acredito na braveza deste povo que ainda rusga preconceitos

Não sou herói a lutar contra moinhos, também não estou em
busca de nenhuma muiraquitã
Tenho apenas a certeza da virilidade e a coragem de olhar nos
olhos destas aves de rapina

Minha alma está lavada, corpo fechado
Purificada pelas águas da cachoeira sagrada
Estou sóbrio, robusto e com sede de vingança

A Roda da Fortuna girou
Taças de vinho quebradas
Os dados foram jogados

O meu futuro estará preso ao desta gente parda, filhos de minha
mãe única? Acho que sim...
A terra é vermelho-sangue, e nunca esqueço de sujar minhas
mãos, meu rosto

A grandeza nos espera, novos tempos de glória em ouro e pétalas
Pois esta caminhada não será em vão; vejo o rastro da suçuarana
Agora, só a dengue ou a cólera para tirar o que os meus olhos já
tocam

O passado futuro

Lascas do meu passado estão por todo o caminho
Já perdi muito tempo recolhendo-as

Agora deixo
Para além da íris
Para os vermes
Para se decomporem

Não ligo para o desprezo da multidão
Leitores de quinquilharias enlatadas
Não estou só, mas sinto uma lentidão

Tenho na memória o cheiro das cagaitas
Me atijo nas desventuras, destruo infâmias
Ando espalhando sorriso e meias-bravatas

Já não temo o futuro passado de trevas
Fugimos há pouco do calabouço moribundo
Já não me escondo, convivo com as feras

Não sei o que virá, talvez mais dor ou amor
No entanto, descobri no meu sangue talhado
Virtudes e eloquências de um trovador

Adolescência

Sonhei que poderia ser músico, nome e banda inventei
Acho que foi a primeira coisa que eu quis, não sei
Enfim, não aprendi a tocar violão nem violino

Alucinei ser político, tinha todas as soluções e invenções
Vieram as decepções, realidades mais que concretas
Não sou adepto a abraços e traições

Achei que a arqueologia ia ser o melhor para mim
Porém, fiz vestibular para economia, não passei
Fui ser professor de História, aluno quase exemplar

Na faculdade, me descobri poeta. Será um erro?
Descobri o quanto o vício do álcool me ilude
Pois é, era um tempo de mais atitude

Um dia, me vi adulto
Por tempos, neguei
Demorei a entender

Heróis japoneses, pique-pega, os pastos, o milharal, futebol em
rua de pedra, estilingue, pipa e mais futebol...

Deveria ter escrito sobre minha infância.

Hora morta

Sorriso meigo, olhos frouxos
Sentado à mesa da cozinha
Hora morta no fim do dia

O copo de leite com canela
O silêncio das paredes azulejadas
Pensamentos e esquecimentos

Os problemas passeiam, o amor volta
As maçãs vermelhas envergonhadas
Vontades esquecidas, doce de leite

Lembranças miúdas
Sabores caseiros
Aromas conhecidos

Sentado à mesa da cozinha
Nestes instantes sem fim
Estou a amar!

Na solidão do cômodo quente
No conforto do cansaço físico
Na certeza que ela é

eternamente
minha